

ANUÁRIO **LEITE** 2018

Embrapa

**Indicadores,
tendências e
oportunidades
para quem vive
no setor leiteiro**

*Leite: custos,
margens e preços
recentes*

*Ações da pesquisa
na intensificação da
atividade leiteira*

*Analistas garantem:
Brasil tem tudo para
produzir mais leite*



**Edição Digital em
embrapa.br/gado-de-leite**

Leite de vacas felizes

De uns anos para cá é crescente o movimento em favor do bem-estar e da ética no trato com os animais, o que se estende à qualidade dos alimentos por eles produzidos. Grandes empresas estão atentas ao fato e começam a despertar interesse por sistemas de produção de proteína animal que estabeleçam uma relação mais “humana” e harmoniosa com os animais, além de oferecerem produtos isentos de antibióticos, conservantes e hormônios.

A criação de suínos fora de galpões de alvenaria, de galinhas de postura livres do confinamento das gaiolas e da produção de leite por vacas criadas em regimes de pastagens são exemplos dessa tendência. No Brasil, a onda dos confinamentos estabulados de vacas leiteiras tipo *compost barn* está em curso, apresentando, no entanto, sinais de declínio em relação a novos projetos. Movimento semelhante ocorreu no século passado, a partir do final dos anos de 1990, quando o sistema de criação de vacas leiteiras estabuladas em confinamento tipo *free stall* era a onda.

Não se trata de classificar a produção desses alimentos em orgânica ou convencional, mas, sim, estabelecer relação diferenciada dentro da cadeia produtiva para oferecer um produto saudável. Não que os produtos fabricados convencionalmente não sejam saudáveis, mas a intenção é criar uma diferenciação entre eles e, é óbvio, valorizar os produtos oriundos de criações de animais felizes. O consumidor terá a percepção deste aspecto e pagará mais por isso? Tudo indica que sim.

No arquipélago dos Açores, território autônomo ligado a Portugal, distante 1.800 km da Península Ibérica, cujos solos têm origem vulcânica e, portanto, apresentam elevada fertilidade natural, contando ainda com um generoso regime regular de chuvas ao longo do ano, foi lançado o Programa Leite de Vacas Felizes que, em

liberdade, consomem pastagens de forrageiras de clima temperado o ano todo, além do uso de alimentos concentrados.

Diferentemente da região do Açores, no Brasil não é possível a produção leiteira exclusivamente em regime de pastagens devido à irregularidade da pluviosidade ao longo do ano. No entanto, onde houver a possibilidade de utilização de sistemas de irrigação nos pastos, a criação de vacas leiteiras alimentadas apenas com pastagens como único alimento volumoso, em um sistema aqui denominado “cocho zero”, a mesma proposta poderá ser estabelecida.

Grandes empresas começam a despertar interesse por sistemas de produção de proteína animal que estabeleçam uma relação mais “humana” e harmoniosa com os animais

A produção de pastagens de gramíneas forrageiras tropicais no Brasil apresenta característica estacional, existindo uma época do ano na qual o ritmo de crescimento das plantas é reduzido e outra época do ano na qual o crescimento é acelerado devido à ocorrência concomitante dos seguintes fatores de produção: a - temperaturas elevadas acima de 30°C; b - intensidade luminosa, permitindo que a fotossíntese seja máxima e não consiga atingir o ponto de saturação com o aumento da luz; c - fertilidade do solo natural ou proveniente de adubações, possibilitando elevadas lotações de animais por unidade de área; d - disponibilidade de água da ordem de 50 a 60 m³ por hectare por dia, dependendo da localidade e da evapotranspiração da planta forrageira.

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP



Para que se tenha a criação de “vacas felizes” ou “cocho zero” no mundo tropical é necessário, além da irrigação de pastagens ao longo do ano e da adubação destas com fertilizantes químicos e/ou compostos orgânicos, tomar por base a capacidade de suporte de animais na propriedade na época de menor crescimento das gramíneas forrageiras.

A partir desta medida, evidentemente, haverá sobra de forragens no período de maior crescimento das pastagens, quando parte da área poderá: I - ficar em pousio e ser transformada em matéria orgânica para o solo, devendo-se estabelecer rodízio entre as áreas a ser descansadas a cada ano; II - ser conservada na forma de ensilagem ou fenação para fornecimento na época de entressafra de forragens, deixando de ser, neste caso, o sistema tipo “cocho zero”; III - ser utilizada para recria ou engorda de animais próprios; IV - ser utilizada para recria ou engorda de animais em parceria, caso o proprietário não disponha de recursos financeiros para a compra dos animais; V - ser alugada para terceiros para recria ou engorda de animais.

No sistema “cocho zero”, o fornecimento de alimentos concentrados dar-se-á em cochos de acordo com o balanceamento da dieta, tomando-se por critério a produção de leite de cada vaca em caso de arraçoamento individual, ou baseado na média do grupo de vacas, para os casos em que os animais sejam manejados em lotes.

O conceito de criação “cocho zero” ou “vacas felizes” já existe no Brasil em algumas propriedades, destacando-se dentre elas a Fazenda Leite Verde, no município de Jaborandi-BA, e a Fazenda do Grupo Kiwi Pecuária, no município de Silvânia-GO, podendo ser aplicado em todo e qualquer tipo de propriedade leiteira no país, desde que haja disponibilidade e autorização (outorga) para o uso de água para irrigação.